

## 9

### O PAPEL DA OBRA *O 18 DE BRUMÁRIO DE LUÍS BONAPARTE* DE MARX NOS RUMOS DA REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917

Jadir Antunes<sup>1</sup>

Este capítulo pretende mostrar a influência decisiva da obra *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, de Marx, nos rumos da revolução russa de 1917. Nesta obra, Marx se preocupava em mostrar as bases políticas do golpe e sua relação com a massa atrasada dos camponeses franceses. Como mostrara Marx, o regime de trabalho individual e isolado tornava os camponeses franceses naturalmente incapazes de se constituírem como classe social e se autorrepresentarem politicamente, precisando sempre de uma representação externa que dirigisse seus múltiplos e incontáveis interesses particulares. Luís Bonaparte, por isso, apareceria como o senhor natural e defensor dos camponeses.

Na primeira parte do capítulo, analisa-se como a fórmula “ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato”, elaborada por Lênin em 1905 na Rússia revolucionária, se enredava em contradições e imprecisões exatamente por não considerar com toda profundidade essa caracterização do campesinato como massa dependente e subordinada às classes sociais da cidade. Na segunda parte, aborda-se como Trotsky, se apoiando radicalmente nessa caracterização de Marx sobre os camponeses, corrige e soluciona, a partir da noção de “revolução permanente”, as imprecisões da fórmula de Lênin.

Corrigir e solucionar Lênin, na verdade têm um sentido mais metafórico que real. Segundo o próprio Trotsky, Lênin nunca leu sua tese sobre a estratégia revolucionária para a Rússia, elaborada ainda em 1905. Segundo ele, é Lênin quem corrige a si mesmo no intervalo entre 1905 e 1917. Neste intervalo de tempo Lênin percebe, a partir de sua própria experiência e do

---

<sup>1</sup> Jadir Antunes é Graduado em Economia pela Unioeste, Mestre, Doutor e Pós-doutor em Filosofia pela Unicamp e Professor de Filosofia dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Filosofia da Unioeste; é autor do livro *Marx e o Fetiche da Mercadoria: contribuição à crítica da Metafísica* [Paco Editorial, 2019] e co-autor com Hector Benoit do livro *O Problema da Crise Capitalista em Marx* [Paco Editorial, 2016].

curso dos acontecimentos, a necessidade do proletariado se pôr efetivamente à frente do campesinato como seu senhor e dirigente natural. O auge desta compreensão se realizou em abril de 1917 com as famosas *Teses de Abril*, onde Lênin defendeu a palavra de ordem revolucionária de “Todo poder aos soviets”.

## 1. Marx e o problema camponês

Segundo Marx, a potencialidade revolucionária e socialista do campesinato só poderia explodir e se realizar caso fosse combinada e dirigida pela potencialidade do proletariado industrial. Sua condição de vida e de trabalho heterogênea, individual e isolada, sua dispersão pelo interior do território, sua condição de classe somente por oposição e diferenciação com as classes da cidade e da indústria o impediam, por sua própria natureza, de representar a si mesmo, com programa e propósitos próprios, nos conflitos econômicos da cidade.

Os camponeses, devido ao caráter de seu modo de produção, por trabalharem num sistema familiar e individual, onde cada lote de terra é cultivado de modo isolado e separado do cultivo de outros lotes por outros produtores independentes, formam uma massa política pulverizada e não homogênea. “Os pequenos camponeses constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de criar entre eles um intercâmbio mútuo” (MARX, 1988, pp. 74 e 75). O caráter isolado e autônomo do trabalho camponês e o vínculo direto entre trabalho e Natureza, mais do que ligarem as diversas famílias camponesas entre si num único e grande sistema cooperativo de produção, as isolam e as separam politicamente umas das outras. Como afirma Marx (1988, p. 75):

[...] seu campo de produção, a pequena propriedade, não permite qualquer divisão do trabalho para o cultivo, nenhuma aplicação de métodos científicos e, portanto, nenhuma diversidade de desenvolvimento, nenhuma variedade de talento, nenhuma riqueza de relações sociais.

A incapacidade natural do campesinato para superar politicamente suas divisões internas e seus interesses particulares e a necessidade de ser representado por um partido formado fora dele é expressão, por isso, do

isolamento vivido nas relações econômicas. Deste modo, segundo Marx (1988, p. 75), os camponeses formam uma classe apenas num sentido negativo do termo, ou seja, os camponeses formam uma classe apenas por se diferenciarem e se oporem às classes sociais do proletariado e da burguesia:

Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras [como famílias quase auto-suficientes], e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, estes milhões constituem uma classe.

Conforme palavras muito claras de Marx, os camponeses formam uma classe social apenas no sentido de classe-por-oposição, ou classe-por-distinção. Ou seja, eles formam uma classe social apenas porque não cabem nas categorias de proletariado e burguesia e porque se opõem e se distinguem radicalmente delas, vivendo como uma massa heterogênea e dispersa e à margem da sociedade capitalista.

Por um lado, os camponeses se aproximam da classe operária na medida em que constituem parte da massa de produtores diretos da sociedade e vivem sob o domínio do capital. Porém, se distanciam dela na medida em que são proprietários da terra e dos instrumentos de trabalho e não vivem da venda da força de trabalho. Por outro lado, os camponeses se aproximam da classe capitalista na medida em que são proprietários e produtores de mercadorias. Porém, se afastam dela na exata medida em que se aproximam da classe trabalhadora.

Por isso, os camponeses formam muito mais uma massa intermediária da sociedade, e não propriamente uma classe social com capacidade para se organizar coletiva e autonomamente frente aos interesses das classes burguesa e proletária. Por esse caráter intermediário, os camponeses são incapazes de se organizarem politicamente como classe e aparecerem diante da sociedade como seus verdadeiros representantes. Assim, dizia Marx (1988, p. 75), “na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas uma ligação local e em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem organização política, nessa exata medida não constituem uma classe”.

Por seu caráter heterogêneo e multifacetado os camponeses formam muito mais uma “massa social” do que propriamente uma “classe social”, segundo a concepção de Marx. Para que certo agrupamento social possa existir como classe social, como é o caso do proletariado e da burgue-

sia, é necessária certa unidade e uniformidade nas relações de trabalho e convívio social, ausentes entre os camponeses. Diferentemente do proletariado que recebe geralmente um salário uniformizado nacionalmente e, por isso, vive em condições sociais semelhantes, e da burguesia que tem seu capital valorizado a partir de uma taxa de lucro igual válida para todos os ramos da produção. Entre os camponeses as possibilidades de se prosperar nos negócios é muito heterogênea e disforme.

Por estar incapacitado ontologicamente de se converter de classe em si em classe para si mesmo, o campesinato será, necessariamente, uma massa representada que, por isso, delegará às classes da cidade o papel de dirigi-la. Os representantes políticos do camponês serão, por isso, segundo Marx, representantes surgidos de fora, da cidade, e com um vínculo meramente exterior com ele. Seus representantes devem, por isso, “aparecer como seu senhor, como autoridade sobre eles, como um poder governamental ilimitado que os protege das demais classes e que do alto lhes manda o sol ou a chuva” (MARX, 1988, p. 75).

Segundo Marx, o campesinato, como camada intermediária da nação, se divide entre campesinato rico e campesinato pobre. A camada rica, por sua situação mais confortável no interior da sociedade, tende a encontrar nos partidos burgueses, ou em camadas da burocracia do Estado, como a militar, seus representantes e dirigentes naturais na luta contra o processo de empobrecimento capitalista. A camada empobrecida tenderia, por sua vez, a delegar ao partido do proletariado a direção de suas lutas e interesses econômicos. Por isso, segundo Marx, o camponês francês rico, mas em processo de empobrecimento, pensara ter encontrado em Bonaparte seu senhor e dirigente enviado dos céus para lhe salvar.

Como massa atrasada politicamente, como resíduo da história pré-capitalista europeia, o campesinato necessitaria sempre ser representado por forças políticas da cidade e exteriores ao seu meio. Por estes motivos, dizia Marx (1988, p. 75), os camponeses, em geral, “são incapazes de fazer valer seu interesse de classe em seu próprio nome”. Os camponeses em geral, deste modo, “não podem representar-se, têm que ser representados” (MARX, 1988, p. 75). Os camponeses dispostos a mudar o estado de coisas em favor da maioria da nação, os camponeses de bom senso, dizia Marx (1988, p 78), “encontram seu aliado e dirigente natural no proletariado urbano, cuja tarefa é derrubar o regime burguês”.

## 2. Lênin e a fórmula algébrica da revolução proletária russa

No final do século XIX a violência da história ocidental avançava para além da França e abalava a Rússia czarista. As novas forças produtivas surgidas com o desenvolvimento capitalista iniciado no século XVIII ameaçavam destruir as relações de servidão e pôr em seu lugar a forma assalariada do capitalismo europeu. No interior do marxismo o problema da natureza da futura revolução russa e o papel a ser desempenhado pelo camponês, a maioria absoluta da população, tomara conta das discussões.

Em maio de 1905, os bolcheviques, liderados por Lênin, realizaram em Londres o III Congresso do POSDR (Partido Operário Social Democrata Russo). Na mesma época, os mencheviques, já rompidos com Lênin, realizaram em Genebra sua Conferência, onde defendiam as teses de Plekanov. Em *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*, Lênin critica radicalmente a Conferência e expõe, ao mesmo tempo, as teses do Congresso para a iminente revolução russa.

Para os partidários de Plekhanov e da Conferência menchevique, a futura revolução teria necessariamente um caráter burguês. Isto é, ela necessariamente seria capitalista em seus fundamentos e estaria, assim, fora de qualquer cogitação, como defendiam os populistas, a possibilidade de transformá-la numa revolução socialista. Para os conferencistas, a revolução não apenas seria burguesa em seu conteúdo como, ainda, seria dirigida diretamente pela burguesia. Ao proletariado, e mesmo aos camponeses, caberia um papel subordinado, o de atuar como aliado da burguesia na luta contra as forças reacionárias ligadas à nobreza e ao latifúndio. Para Lênin (1982, p. 440), esta tática dos conferencistas conduzia diretamente à “traição da causa do proletariado no interesse da burguesia” e convertia o proletariado num “miserável apêndice das classes burguesas”.

A futura revolução russa poderia seguir um rumo diferente daquele pretendido pelos conferencistas e pela burguesia russa porque, segundo Lênin, o proletariado, mesmo incipiente numericamente, poderia dirigi-la apoiado na enorme massa camponesa espalhada pelos campos do interior da Rússia. Lênin concordava com certos aspectos das teses defendidas pelos conferencistas. Para ele, não havia dúvidas de que a futura revolução russa seria burguesa em sua essência. Contudo, discordava radicalmente da capacidade da burguesia para ser sua direção. Segundo Lênin, a burguesia

rusa estava mais interessada em pactuar com o czarismo do que em romper profundamente com ele. Sendo assim, a futura revolução burguesa na Rússia deveria se apoiar em outras forças políticas.

Lênin acreditava na possibilidade de o camponês mais empobrecido dirigir politicamente a futura revolução ao lado do proletariado das grandes cidades. O resultado dessa aliança revolucionária entre o proletariado e o camponês empobrecido seria uma “ditadura revolucionária democrática”. Na discussão sobre a natureza da futura revolução russa, dizia Lênin, não cabia a questão da tomada do poder pelo proletariado. Para Lênin (1982, pp. 388 e 389), “a questão posta na ordem do dia por todo o povo [em 1905] é... a substituição da autocracia czarista pela república democrática”.

Seguindo as pegadas de Plekhanov, Lênin não acreditava na possibilidade do proletariado tomar e sustentar o poder antes do desenvolvimento material e espiritual do capitalismo: “O grau de desenvolvimento econômico da Rússia... e o grau de consciência e de organização das grandes massas do proletariado... tornam impossível a imediata e absoluta libertação da classe operária”, dizia Lênin (1988, p. 391) contra as teses populistas e anarquistas que defendiam a revolução socialista para a Rússia de 1905. “E como resposta às objeções anarquistas de que adiamos a revolução socialista, diremos: não a adiamos, e sim damos o primeiro passo para ela através do único procedimento possível, do único caminho justo, que é o da república democrática”, dizia ele (1982, p. 391). Na concepção de Lênin, o único caminho possível e justo para a revolução russa em 1905 seria o caminho da “ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato”.

A ditadura, na fórmula pensada por Lênin, expressava o fato de que a futura revolução deveria apoiar-se na insurreição e na força armada das massas. A democracia, por sua vez, representava o aspecto republicano, constitucional, pequeno burguês (camponês) e não-socialista da revolução. A fórmula da revolução combinava, deste modo, tanto aspectos burgueses quanto não-burgueses, mas não ainda socialistas. A revolução deveria realizar tanto tarefas que cabem a uma revolução clássica burguesa, como o desenvolvimento das forças produtivas apoiadas no capital e a formação de uma república constitucional, quanto tarefas democráticas, como a reforma agrária e a expropriação do latifúndio. Por ser democrática, a futura revolução não poderia atacar as bases privadas da sociedade capitalista. A única propriedade que deveria ser atacada seria a da nobreza fundiária. A propriedade capitalista deveria ser, inclusive, estimulada e desenvolvida. “Esta di-

tadura será democrática, dizia Lênin (1982, p. 441), e não socialista e, portanto, não poderá atacar (sem passar por uma série de graus intermediários de desenvolvimento revolucionário) as bases do capitalismo”.

A futura “ditadura democrática e revolucionária do proletariado e do campesinato” na Rússia, não faria, segundo Lênin, mais do que: 1) instituir uma nova e radical distribuição da propriedade da terra em benefício dos camponeses, 2) instituir uma democracia republicana, 3) eliminar pela raiz a servidão do trabalho, 4) iniciar um melhoramento sério nas condições de vida da classe trabalhadora e 5) alastrar o incêndio revolucionário para toda a Europa desenvolvida. A revolução colocaria em ação, deste modo, dois programas diferentes. Por um lado, o Programa Mínimo como o único programa capaz de ser desenvolvido em benefício dos trabalhadores e o Programa Democrático, como o dos camponeses. Do ponto de vista do Lênin de 1905, o Programa Máximo da revolução, ou seja, a conversão da propriedade capitalista em propriedade socialista e a instauração da ditadura do proletariado, só seria posto após a realização desta primeira etapa, a etapa democrático-burguesa.

Na fórmula de Lênin caberia ao governo revolucionário operário-camponês realizar tanto tarefas burguesas quanto democráticas. Segundo essa fórmula, o dirigente natural da revolução, apesar de burguesa, seria o camponês. Ao partido do proletariado caberia o papel secundário de atuar como aliado do partido camponês no governo. Lênin confiava na força democrático-revolucionária do camponês russo. Para Lênin (1982, p. 442-419):

[...] o camponês russo se converterá inevitavelmente, nestas condições, no baluarte da revolução e da república pois somente a ditadura revolucionária do proletariado e do campesinato poderá dar-lhe através da reforma agrária tudo o que deseja e o que sonha, tudo o que lhe é verdadeiramente necessário. [...] a classe operária não pode deixar de cooperar nisto [na luta pela reforma agrária] com o campesinato.

A “ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato” seria, então, simplesmente uma revolução burguesa realizada pelo campesinato em aliança com o proletariado. “Os marxistas, diz Lênin (1982, p. 405) concordando com os mencheviques da Conferência] estão inteiramente convencidos do caráter burguês da revolução russa”. Dessa tese inquestionável e absolutamente verdadeira, se “deduz que constitui uma ideia reacionária procurar a salvação da classe operária em

algo que não seja um maior desenvolvimento do capitalismo” (1982, p. 406). Desenvolvimento que seria garantido pelo campesinato e pelo proletariado no governo.

Assim, dado 1) que o proletariado era fraco numericamente e tinha tanto interesse quanto a burguesia em desenvolver o capitalismo, pois, desenvolver as forças produtivas capitalistas, a república e a democracia burguesa, seria desenvolver, simultaneamente, as futuras condições sobre as quais ele poderia levantar seu programa verdadeiro, o Programa Máximo da revolução socialista; dado 2) que os camponeses formavam a maioria absoluta da população russa e estavam interessados na revolução burguesa e no fim da servidão tanto quanto o proletariado; dado 3) que a burguesia estava impedida historicamente de levar sua própria revolução até o final, já que pactuava com o czarismo contra o movimento operário-camponês, a fórmula de Lênin determinava necessariamente, então, que, 4) a futura revolução só poderia ter um conteúdo democrático-burguês e uma direção operário-camponesa.

O proletariado, assim, segundo Lênin (1982, p. 406), atuaria a favor da burguesia na presente revolução unicamente com a intenção de expropriá-la futuramente: “Quanto mais completa e decisiva, quanto mais conseqüente for a revolução burguesa, tanto mais garantida estará a luta do proletariado contra a burguesia, pelo socialismo”, dizia Lênin. Na fórmula de Lênin, não havia ainda, em 1905, uma contradição absoluta entre burguesia e proletariado. A contradição que deveria ser extirpada pela raiz era a contradição existente entre proletariado, burguesia e campesinato, de um lado, versus nobreza fundiária e czarista, de outro.

Dada esta correlação histórica de forças, toda alternativa oposta à revolução democrático-burguesa seria ilusória e reacionária. Nas palavras de Lênin (1982, p. 410-406): “A transformação do regime econômico e político da Rússia no sentido democrático burguês, é inevitável e inelutável. Não há força na terra capaz de impedir esta transformação”. E acrescenta que: “em certo sentido [o do desenvolvimento das forças produtivas materiais e da democracia republicana] a revolução burguesa é mais vantajosa para o proletariado do que para a burguesia”.

Essas teses de Lênin serão criticadas em seus fundamentos por Trotsky. Segundo este, Lênin, em 1905, errava em sua avaliação sobre o caráter da futura revolução russa por acreditar demasiadamente na capacidade do campesinato para se constituir como força política independente. Lênin errava, segundo Trotsky, por colocar muitas vezes o camponês, inad-



vertidamente, ora ao lado do proletariado e ora até mesmo à frente dele. Para Trotsky, os camponeses seriam, em qualquer parte e em qualquer situação, incapazes de se constituírem como força política autônoma. Os camponeses nunca poderiam estar ao lado, e muito menos à frente do proletariado. Os camponeses só poderiam, dado seu caráter atrasado, estar atrás e dirigido pelo proletariado.

Segundo Trotsky, Lênin corrigiu as imprecisões de sua fórmula ao longo do período que vai de 1905 a 1917. Essa correção apareceu claramente em abril de 1917, onde, nas famosas *Teses de Abril*, após retornar do exílio, defendeu a palavra de ordem revolucionária de “Todo poder aos soviets”, isto é, defendeu a “ditadura revolucionária do proletariado com o apoio do campesinato” para toda a Rússia. Prova dessa correção pode ainda ser encontrada em *Como iludir o povo*, discurso proferido em 1919, onde Lênin (1980, p. 47) dizia claramente que o “o camponês, pela sua posição econômica dentro da sociedade burguesa, encontra-se em tal situação que seguirá, inevitavelmente, ou o trabalhador, ou a burguesia”. E concluía enfaticamente dizendo que “não há uma terceira via”.

### **3. Trotsky e o caráter permanente da revolução socialista**

Trotsky se opunha às ilusões de Lênin acerca da possibilidade do campesinato se constituir em partido revolucionário com programa próprio e independente e da possibilidade de uma “ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato”. Para ele, a futura revolução não poderia ser definida com a mesma rigidez empregada por Lênin. Para Trotsky, a futura revolução russa não seria exatamente burguesa, democrática ou mesmo proletária, mas seria sim, “permanente”. Por “revolução permanente” Trotsky entendia o processo ininterrupto de transformações revolucionárias que começava com a luta contra os proprietários de terras e se encerrava apenas com a tomada final do poder pelo proletariado.

Para que a futura revolução russa tivesse esse caráter permanente, o proletariado não poderia, de modo algum, dividir o poder com os camponeses, como compreendia a fórmula de Lênin, nem muito menos se deixar dirigir por eles. Para que a futura revolução tivesse esse caráter permanente, o proletariado deveria, desde o começo da luta contra o latifúndio, ser o único e verdadeiro dirigente do processo. Os camponeses, na concepção de Trotsky (1979, p. 137) e seguindo as lições de Marx, participariam da revo-

lução como aliados do proletariado. “A teoria da revolução permanente significa que a solução verdadeira e completa de suas tarefas democráticas e nacionais libertadoras só é concebível por meio da ditadura do proletariado, que assume a direção da nação oprimida e, antes de tudo, de suas massas camponesas”.

Para Trotsky, os camponeses nunca poderiam dirigir a revolução democrática, não poderiam nem mesmo dividir essa direção com o proletariado porque, segundo a concepção de Marx, o campesinato é incapaz, por natureza, de se constituir em partido independente dos partidos burgueses ou operários. Para Trotsky, seguindo Marx, o campesinato, por constituir uma massa intermediária entre as duas principais classes do capitalismo, seguirá sempre, ora a burguesia ora o proletariado. Dividir com o campesinato a direção da futura revolução democrática, ou mesmo deixar a revolução inteiramente sob direção dele, seria abrir um flanco ao desenvolvimento de aspirações egoístas e pequeno-burguesas. Aspirações que encontrariam facilmente apoio entre a burguesia.

A fórmula de Lênin, a “ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato”, segundo Trotsky, errava por possuir um aspecto algébrico, isto é, indeterminado, por não definir com segurança o caráter oscilante do campesinato e por não colocar, desde o princípio, o proletariado como direção absoluta de todo o processo, inclusive e, principalmente, dos camponeses. Segundo Trotsky (1979, p. 138) “o camponês segue o operário ou o burguês. Isso significa que a ‘ditadura democrática do proletariado e dos camponeses’ só é concebível como ditadura do proletariado arrastando atrás de si as massas camponesas”.

Um terceiro regime, o democrático, situado entre a ditadura burguesa e a ditadura do proletariado, dirigido pelos camponeses e com o auxílio do proletariado, como sugeria a fórmula indeterminada de Lênin, só seria possível “se pudesse existir um partido revolucionário independente que exprimisse os interesses da democracia camponesa e pequeno burguesa em geral e, com o auxílio do proletariado, fosse capaz de conquistar o poder e determinar o seu programa revolucionário”, dizia Trotsky (1979, p. 138). Possibilidade eliminada pelo caráter retardatário e oscilante do campesinato.

Na fórmula de Plekhanov e dos Conferencistas, a revolução russa seria não apenas burguesa como seria, ainda, dirigida e aproveitada exclusivamente pela burguesia. Ao proletariado e aos camponeses caberia o papel

de atuarem como apêndices auxiliares da revolução. Na fórmula algébrica de Lênin, a revolução, como para os mencheviques, possuiria um conteúdo burguês, contudo, sua direção poderia ser dividida, desde o começo, entre o partido do proletariado e o partido camponês. A decisão sobre quais dos partidos assumiria verdadeiramente a direção do processo ficaria a cargo da correlação de forças. Decisão, portanto, que não poderia ser definida *a priori*.

Para Trotsky, a revolução possuiria, desde o início, um conteúdo já operário e socialista que se desenvolveria ininterruptamente ao longo das lutas, sem se deter em nenhuma das etapas, seja burguesa ou democrática, como sugere claramente a fórmula menchevique e como parece sugerir certas vezes a fórmula indeterminada de Lênin. Para que a revolução possuísse esse caráter socialista desde o começo, o proletariado deveria assumir-se como direção dela, pondo-se à frente dos camponeses e indicar desde cedo o caminho seguro a ser tomado. Como podemos ver, para Trotsky, *O 18 de brumário* de Marx era muito mais do que uma análise concreta de uma situação concreta, a situação francesa do século XIX, *18 de brumário* apresentava ao movimento revolucionário da cidade uma teoria geral da revolução, um guia geral para a ação revolucionária do proletariado, um guia teórico e geral para o caminho do sucesso revolucionário.

O misterioso da fórmula de Trotsky se encontrava no fato de que, segundo as teses clássicas do marxismo da II Internacional, e mesmo de Lênin, o desenvolvimento histórico de uma nação se realiza sempre mediado por etapas determinadas que não poderiam ser arbitrariamente ultrapassadas. A tese da revolução operária de Trotsky na Rússia atrasada, semi-feudal e semi-asiática, com um proletariado fraco numericamente e uma imensa população camponesa, chocava-se, desse modo, com a teoria das etapas da II Internacional na medida em que parecia propor, arbitrariamente, saltar a etapa burguesa e democrática da revolução russa e convertê-la diretamente em revolução operária, aproximando-se, por isso, das teses populistas, muito combatidas por Plekhanov.

A teoria da revolução permanente não eliminava as etapas democráticas e burguesas, passando por cima das chamadas leis inevitáveis da história universal. Ao contrário, segundo Trotsky, ela seria a única capaz de realizar com toda profundidade essas etapas da revolução porque o campesinato, como massa oscilante e pequeno burguesa, teria tanto interesse quanto a burguesia em parar a revolução numa etapa determinada do processo. A burguesia, por sua própria natureza, teria

interesse apenas em realizar a revolução burguesa. De acordo com Lênin e Trotsky, a burguesia russa, dado seu caráter retardatário, não teria nem mesmo interesse em levá-la até o fim, parando em algum ponto do processo, aliando-se ao czarismo e aos proprietários fundiários. O campesinato, por sua natureza intermediária, uma vez posto no poder pela revolução, temendo o seu avanço e a socialização da propriedade, poderia retornar para trás e se aliar à burguesia na defesa da pequena propriedade e de seus interesses particulares. Por isso, na concepção de Trotsky, pôr o campesinato no poder, ou mesmo ao lado do proletariado, seria abrir o flanco da revolução às aspirações conservadoras da pequena burguesia. A única fórmula para que a revolução burguesa se convertesse em revolução operária, como desejava Lênin, seria pôr o proletariado na direção do processo e à frente dos camponeses desde o começo.

A revolução permanente não saltaria, assim, nenhuma etapa do processo, ela seria a única a realizar com a maior radicalidade todas as etapas da revolução socialista, isto é, seria a única a realizar tanto a revolução burguesa anti-feudal-asiática quanto a revolução democrática aspirada pelo campesinato, desembocando numa revolução operária e socialista. A revolução democrático-burguesa transcreceria, assim, em revolução socialista. O termo “transcreceria”, diz Trotsky em *A Revolução Permanente*, não é dele, mas, sim, de Lênin. A revolução burguesa transcreceria em revolução socialista porque no curso ininterrupto do processo “a sociedade não faz senão mudar de pele, sem cessar”, diz Trotsky (1979, p. 24). A ditadura do proletariado tornar-se-ia, por isso, “a arma com a qual seriam alcançados os objetivos históricos da revolução burguesa retardatária” (TROTSKY, 1979, p. 21).

Cabe esclarecer que Trotsky e Lênin nunca debateram diretamente essas teses. Segundo Trotsky, Lênin nunca demonstrou ter lido diretamente seu trabalho *Balanços e Perspectivas*, de 1906, onde analisara o debate entre Conferencistas e Congressistas, debate exposto na obra *Dois Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*, de Lênin, publicada em 1905. *A Revolução Permanente*, trabalho de 1930 e publicado no exílio, não é exatamente um trabalho em que Trotsky tenha proposto somente demonstrar com mais exatidão suas diferenças com Lênin durante a revolução de 1905. Essa obra se propôs, muito mais, a demonstrar as falsidades e acusações grosseiras do stalinismo contra suas concepções. Nessa obra, Trotsky se empenhou, sobretudo, em demonstrar o quanto ele

e Lênin, mesmo que militando em partidos diferentes, estavam muito próximos teoricamente sobre o sentido da futura revolução russa.

Segundo Trotsky, a única diferença que havia entre ele e Lênin nessa época na questão da estratégia da revolução, nunca debatida abertamente entre ambos, era a diferença de concepção acerca do papel do campesinato na futura revolução. Segundo Trotsky, a deficiência de Lênin nesse período resumia-se unicamente ao fato de ele não determinar com exatidão o papel central e dirigente do proletariado na revolução iminente. A diferença entre ambos se resumia no seguinte, diz Trotsky (1979, p. 69): “Lênin, partindo sempre do papel dirigente do proletariado, insistia sobre a necessidade da colaboração revolucionária e democrática dos operários e dos camponeses”. Trotsky (1979, p. 69), segundo ele mesmo, “partindo sempre dessa colaboração, insistia sobre a necessidade da direção proletária, tanto no bloco das duas classes como no governo chamado a pôr-se à frente desse bloco”.

Stálin acusava Trotsky, contudo, de pretender saltar etapas, de desprezar o papel dos camponeses e, sobretudo, de não confiar na força revolucionária do proletariado russo. A teoria de Trotsky não pretendia saltar nenhuma das etapas da revolução, como já dissemos, mas, sim, subsumir todas elas num único e mesmo processo ininterrupto de transformações revolucionárias, processo que partia da etapa burguesa e se encerrava com a ditadura do proletariado.

Segundo Trotsky (1979, p. 23), as teorias da II Internacional social-democrata, mais tarde absorvidas pelo stalinismo, “consideravam a democracia e o socialismo, em todos os povos e em todos os países, como duas etapas não somente distintas, mas também muito distantes uma da outra”. Enquanto a opinião dos partidos revisionistas considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passaria por um longo período de democracia, “a teoria da revolução permanente proclamava que, para os países atrasados, o caminho para a democracia passa pela ditadura do proletariado”, dizia Trotsky (1979, p. 24)).

Sobre a acusação de que a teoria da revolução permanente não confiava na força revolucionária do proletariado russo, Trotsky respondia que o proletariado russo só poderia se pôr como vanguarda da revolução ainda em 1905 porque a futura revolução não seria uma revolução nacional, mas, sim, internacional. A força revolucionária do proletariado não viria apenas da covardia da burguesia e da fraqueza do campesinato russo, mas viria, sobretudo, da força das revoluções socialistas vitoriosas no resto da

Europa, especialmente na Alemanha. Só a revolução internacional poderia completar e consolidar a revolução russa como uma revolução operária.

Trotsky refutava toda exaltação ao proletariado russo porque se considerava inimigo de todo “messianismo nacional”, isto é, inimigo de todo tipo de reconhecimento de vantagens e qualidades peculiares a certos países capazes de lhes conferir um papel que os demais países não poderiam desempenhar. Para Trotsky, o papel de vanguarda do proletariado russo em 1905 estava condicionado pela possibilidade da revolução operária se disseminar para os principais países industrializados da Europa. Acreditar que a Rússia, pelas suas peculiaridades excepcionais, tais como extensão territorial e riquezas naturais abundantes, poderia desenvolver por si mesma o socialismo, independente da transformação socialista estendida a outros países, seria cair numa utopia nacionalista arcaica e retrógrada incompatível com o caráter internacional das forças produtivas desenvolvidas pelo capitalismo.

No caso da revolução proletária não conseguir se disseminar para outros países, no caso de ela se manter limitada no interior de uma única nação, mesmo que esta nação fosse a poderosa Rússia de 1905, “as contradições internas e externas aumentam inevitavelmente e ao mesmo passo que os êxitos. Se o Estado proletário continuar isolado, ele, ao cabo, sucumbirá vítima dessas contradições”, profetizava Trotsky (1979, p. 24). O sucesso da revolução operária em um determinado país sempre dependerá, por isso, segundo Trotsky, do sucesso da revolução operária internacional.

## Conclusão

Com as revoluções chinesa e cubana e a crise do movimento operário a partir da segunda metade do século XX, *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* deixou de desempenhar o mesmo papel exercido anteriormente. A tese da supremacia política do proletariado sobre os camponeses passou a ser esquecida e em seu lugar surgiu a concepção de que os camponeses poderiam desempenhar um papel de vanguarda na luta contra o capitalismo, como teriam desempenhado na China em 1949 e em Cuba em 1959. Em lugar da luta de classes nas cidades, com o campo sob sua direção, viu-se surgir a luta de guerrilhas camponesas. Com essa virada *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* foi transformado em mera obra de sociologia marxista e em-

pregado para descrever a dinâmica geral da luta de classes e dos frequentes golpes militares, especialmente os da América Latina.

Com a evidente derrocada dos regimes chinês e cubano e sua plena integração ao mercado mundial capitalista, as lições de *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* parecem, por isso, ser muito mais atuais neste começo de século XXI que na época de Marx.

Hoje o proletariado, mesmo que em crise e decadente numericamente, constitui a maioria absoluta da população em todos os principais países do mundo. Todas as classes e camadas de classes intermediárias têm desaparecido de nossa história recente pelo desenvolvimento implacável da acumulação capitalista. A destruição e ruína econômica dos camponeses como massa de produtores relativamente independentes, como previra Marx ainda no século XIX, é mais do que evidente no começo do século XXI. A pequena propriedade que ainda resta, ainda que seja numericamente grande, não é mais a mesma do século XIX. Ela está integrada à acumulação capitalista mundial e funcionando como um departamento dela: o departamento produtor de meios de subsistência para as cidades. A pequena propriedade que sobreviveu no interior do capitalismo está submetida ao mercado e ao planejamento dos grandes conglomerados do agronegócio.

Os preços recebidos pelos pequenos produtores do campo não são preços de mercado, mas, sim, preços planejados que não permitem nenhuma acumulação e ampliação da propriedade. A propriedade na maioria das vezes apenas formalmente pertence ao produtor, pois geralmente está penhorada como garantia junto aos bancos. A maioria dos filhos desses pequenos produtores abandona a propriedade depois de adultos para trabalhar na cidade como operário de fábrica. O nível de vida e conforto de uma família de pequenos produtores quase nunca ultrapassa o nível de vida de uma família de operários de uma grande indústria. O regime de trabalho familiar nessas pequenas propriedades dura sempre mais que a jornada semanal da grande indústria da cidade.

Esses pequenos produtores trabalham geralmente sob regimes de integração forçada com as grandes indústrias do setor, ficando impedidos contratualmente de venderem seus produtos para outras indústrias. Essas grandes indústrias operam em regime de monopólio, onde um único e grande comprador tabela e fixa os preços das mercadorias ao conjunto dos diferentes vendedores. Suas mercadorias, por isso, são geralmente vendidas abaixo do valor – como no caso do trabalhador que se obriga a vender sua força de trabalho sempre ao mesmo e único patrão. Por esse aspecto,

esses pequenos proprietários na maioria das vezes não passam de assalariados disfarçados superexplorados pelo capital e o sucesso de suas lutas, por isso, depende, decisivamente, do sucesso das lutas operárias da cidade.

## Referências

MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte. In: **Karl Marx – Os Pensadores**. Volume II. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

LENINE, V. I. **Como iludir o povo com os slogans de liberdade e igualdade**. São Paulo: Global Editora, 1980.

LENINE, V. I. Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática. In: **Obras Escolhidas**. S.P: Editora Alfa-Omega, 1982.

TROTSKY, Leon. **A Revolução Permanente**. S.P: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1979.